

Praça do Município, n.º 19
7040-027 Arraiolos
T 266 490 240
c.i.tapete@cm-arraiolos.pt

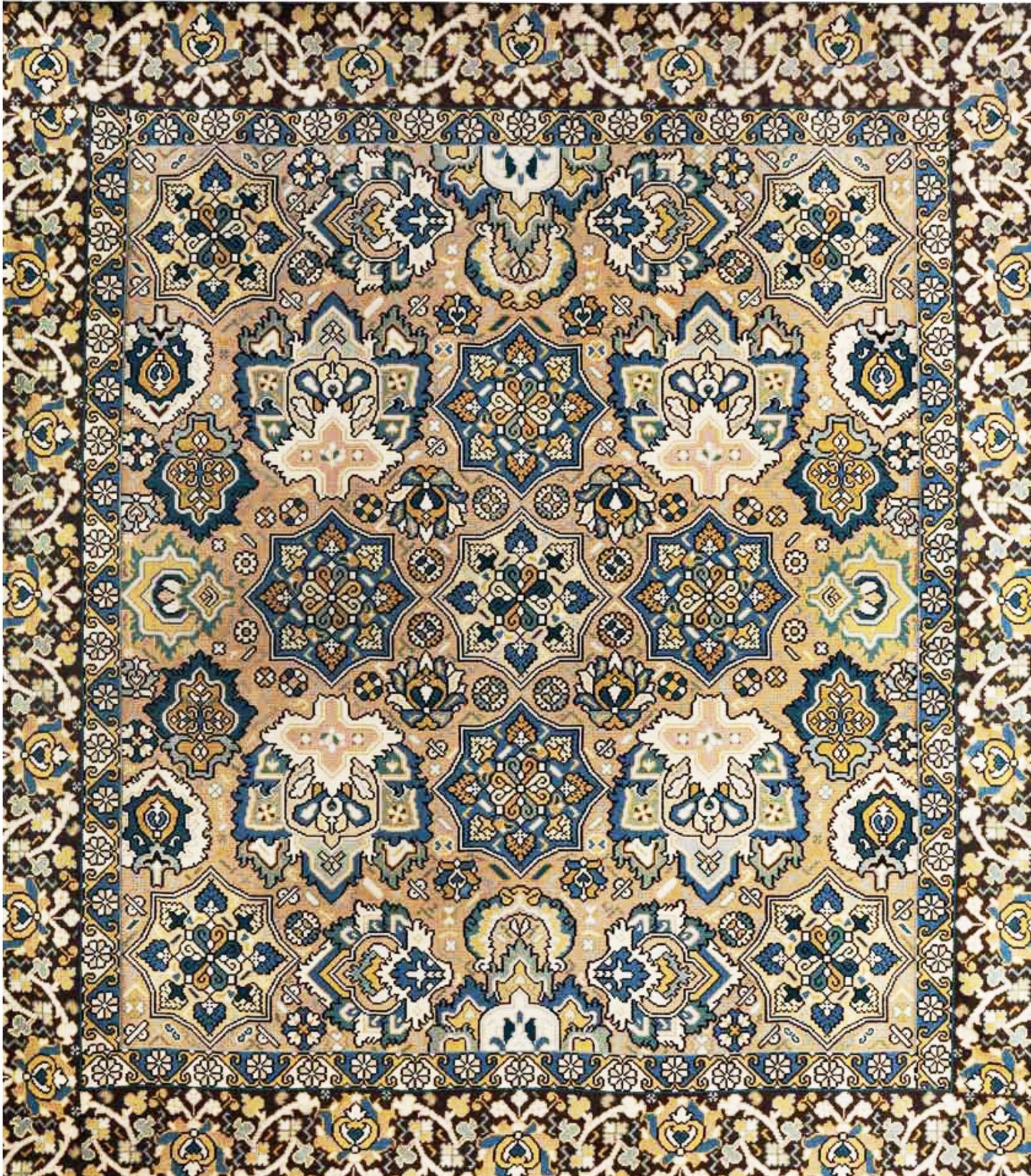


Tapete de Arraiolos
Centro Interpretativo



Tapete de Arraiolos
Centro Interpretativo

Tapete de Arraiolos Cópia do Séc. XVIII Fundação Ricardo Espírito Santo Silva C.M.A fotografia António© Cunha





Tapete de Arraiolos
Centro Interpretativo





tapete de Arraiolos é, no contexto nacional, uma das representações culturais, artesanais de maior valor patrimonial.

Arte antiga que “o saber e o saber fazer” das Gentes Alentejanas que, na vila de Arraiolos, souberam criar, primitivamente influenciada pela presença de outras Gentes, outras Culturas, depressa assumiu identidade própria.

Durante mais de 4 séculos, de que temos memória, transformou-se e reinventou-se. Foi durante décadas símbolo do poder civil e religioso (séc. XVI, XVII, XVIII e XIX) a atestá-lo os inventários de Nobres, de Igrejas e Conventos.

Exemplares que, hoje, são todo um espólio de valor reconhecido integrados e salvaguardados em museus e coleções particulares, nacionais e estrangeiras.

A criação do Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos tem dupla função de salvaguardar, dar a conhecer e divulgar todo um conjunto de conhecimentos atualmente, caídos no esquecimento. Reposição do Historial, Origens, Métodos e Técnicas do tapete antigo. Influências marcantes a que ao longo dos séculos vem sendo exposto.

*Novas Perspetivas
Novas Medidas
Novos Desenhos*

Assim, o Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos, para além de um “espaço museológico” canalizado para dar a conhecer o tapete a diferentes grupos etários, funcionará simultaneamente como um espaço de investigação e estudo.



Tapete de Arraiolos
Cópia do Séc. XIX
Fundação Ricardo Espírito Santo Silva
C.M.A
fotografia© António Cunha

Com a produção de Arraiolos no período áureo da sua indústria – a partir do segundo quartel do séc. XVIII – assistimos a um afastamento gradual da influência oriental, embora se mantendo, não constitui, como até então, a principal fonte de inspiração dos motivos decorativos.

A partir desta altura a decoração dos tapetes de Arraiolos começa a apresentar motivos orientais muitas vezes estilizados e misturados com motivos de cariz popular, resultado da produção caseira arraiolense e da interpretação das bordadeiras locais. A partir da segunda metade do séc. XVIII os motivos orientais desaparecem quase por completo dando lugar aos motivos dos estampados em voga na época e às decorações inocentes das bordadeiras locais.

Juntamente com as mudanças dos padrões e desenhos, também as cores começaram a ser mais pobres, o linho nas telas é substituído pela grossaria ou canhamação, e o ponto já não era tão pequeno e minucioso.

Quando se chega à segunda metade do séc XIX o tapete de Arraiolos encontra-se a atravessar um período de crise.

As tapeteiras eram cada vez menos e a produção era quase inexistente.

Neste período, a escassez de meios levou à execução de exemplares em cores naturais, lã não tingida: brancos, castanhos e surrobecos.

Com o início do séc. XX, dá-se o “ressurgimento” dos Tapetes de Arraiolos – um grupo de senhoras da terra, recriaram exemplares com base em modelos, que em épocas e tempos diferentes, foram referência obrigatória dos Tapetes de Arraiolos, dando início a uma nova época.



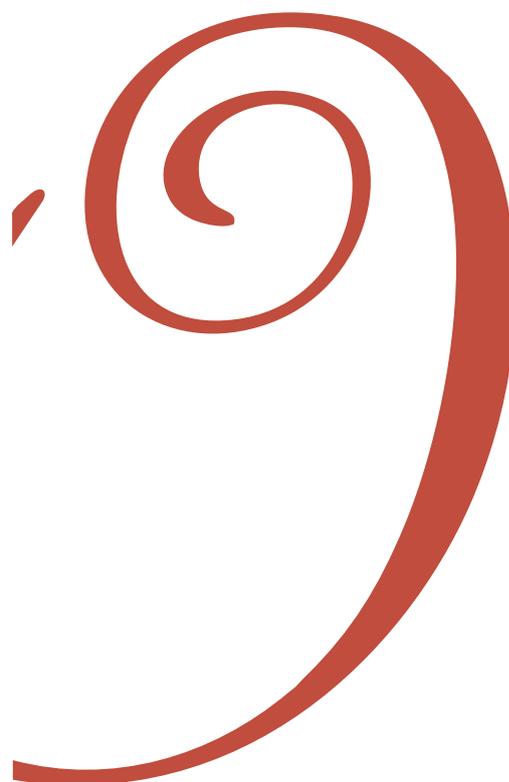
om o decreto de lei de expulsão das minorias muçulmana e judaica, em 1496 (logo no início no reinado de D. Manuel I) e o encerramento das oficinas da comuna muçulmana de Lisboa, crê-se que esses mesmos mouros e judeus teriam migrado para Sul do território, historicamente mais tolerante a nível religioso, e se teriam fixado em Arraiolos e aí iniciado a produção de tapetes.

Os exemplares executados em grande parte do séc. XVII, apresentam motivos decorativos contornados a ponto pé-de-flor, sendo que os primeiros eram influenciados pelos desenhos dos tapetes de nós, Turcos e, principalmente Persas, igualmente difundidos em Portugal pelos tapetes de nós Espanhóis e Indianos, respetivamente, que chegavam a território nacional, conseqüentemente, o ponto nessa altura não corria todo na mesma direção.

Os tapetes do século XVII que chegaram aos nossos dias têm desenhos eruditos, influenciados ou copiados por desenhos de tapetes orientais e, por isso, certamente concebidos por pessoas que de alguma forma eram conhecedores dos tapetes de nós realizados na Ásia.

Se até ao séc. XVII os inventários mostram que nas casas portuguesas da época abundavam os tapetes orientais, a partir e sobretudo do séc. XVIII as referências a “tapetes da terra”, “tapetes do Alentejo” ou até mesmo “tapetes de Arraiolos”, são cada vez mais frequentes.

No primeiro quartel do séc. XVIII os tapetes de Arraiolos panteavam e harmonizavam motivos orientais dispersos com motivos de labor popular.



tapete, expressão cultural elaborada, reflexo de poder e de abundância, torna-se, nas diferentes culturas de que é representação, elemento importante da vida social, política e religiosa.

Tapetes de Arraiolos, são tapetes, com referências documentais que atestam o seu fabrico nesta vila alentejana já no século XVI. São bordados a lã (merina) sobre tela (linho, estopa de linho, canhamação, brim ou grossaria), feitos a ponto cruzado oblíquo, também conhecido como trança eslava, através do processo de fios contados de modo a atapetar o fundo do campo e da barra.

No inventário dos bens pessoais ordenado pelo juiz dos órfãos à morte dos respetivos proprietários, já, em 1598, surge a primeira referência a um tapete feito nesta vila:

hum tapete da teRa novo avalliado em dous mil Reis

Muitos são os documentos que no mesmo inventário, entre 1598 e 1700, referem a existência de bordadeiras, do fabrico do tapete, assim como da existência de artesãos – cardadores, pisoeiros, tintureiros e tecelões – que se dedicavam ao tratamento das lãs e execução de telas.

A decoração dos mais antigos tapetes de Arraiolos que se conhecem (séc. XVII) tem nítida influência nos tapetes clássicos da Pérsia e Turquia, a atestá-lo a evidência dos motivos decorativos e a organização decorativa dos tapetes mais antigos.



Tapete de Arraiolos
Cópia do Séc. XVIII
Fundação Ricardo
Espírito Santo Silva
C.M.A
fotografia
©António Cunha